



DESAFIOS ÉTICOS E SUICÍDIO NA PÓS-MODERNIDADE

Nadja Cristiane Lappann Botti¹

RESUMO: O presente estudo pretende colocar em jogo reflexões em torno dos desafios éticos e o suicídio na sociedade pós-moderna. A premissa que permeia as reflexões se direciona pela compreensão dos desafios ético-políticos da presente época de acordo com Zygmunt Bauman. Nesse sentido, serão apresentadas as contribuições acerca da ética da sensibilidade, do olhar, da responsabilidade e da esperança oriundas do pensamento de Bauman e Freire que tangenciam a questão da valorização do viver e da prevenção do suicídio na pós-modernidade. No que se refere ao aspecto metodológico, a presente pesquisa se utilizará fundamentalmente das obras de autoria de Bauman. Assim, pretende-se sublinhar os aspectos essenciais para a compreensão dos desafios éticos referentes a problemática do suicídio na sociedade pós-moderna.

Palavras-chave: Suicídio. Tempos líquidos. Ética.

ABSTRACT: The present study intends to put reflections on ethical challenges and suicide in postmodern society. The premise that permeates the reflections is directed at understanding the ethical-political challenges of the present age according to Zygmunt Bauman. In this sense, the contributions about the ethics of sensibility, the look, the responsibility and the hope derived from Bauman and Freire's thoughts that address the issue of valuing living and preventing suicide in postmodernity will be presented. Regarding the methodological aspect, this research will use mainly the works authored by Bauman. Thus, it is intended to underline the essential aspects for the understanding of the ethical challenges regarding the problem of suicide in postmodern society.

Key-words: Suicide. Liquid Times. Ethic.

INTRODUÇÃO

Compreende-se o suicídio como um fenômeno psicossocial multifacetado e multicausal que se encontra globalmente difundido no cotidiano pós-moderno configurando-se como problema de saúde pública. De tal modo, como trata-se de um fenômeno complexo, não se versa sobre reduzir ou separar, mas diferenciar e juntar como proposto por Morin: “o pensamento complexo é o pensamento que se esforça para unir, não na confusão, mas operando diferenciações” (MORIN, 2007, p.33). Apesar de ser um problema de saúde pública apresentando-se de diversas formas no cotidiano, não se trata de uma marca ou problema DA sociedade pós-moderna. Dado que o suicídio acompanha a história da humanidade e a cada tempo encontramos múltiplas formas, circunstâncias e significados dependentes dos princípios sociais, religiosos, intelectuais, filosóficos e

¹ Dra em Psicologia - Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ) e membro fundadora da Associação Brasileira de Estudos e Prevenção do Suicídio (ABEPS). E-mail: nadjaclb@terra.com.br



econômicos de cada época (JORGE; LAURENTI 1997). Camus apresenta o suicídio como única questão que importa verdadeiramente: “Só existe um problema filosófico realmente sério: o suicídio. Julgar se a vida vale ou não vale a pena ser vivida é responder à pergunta fundamental da filosofia” (CAMUS, 2010, p.17).

Compreender a morte e o morrer pertencentes a vida; falar sobre suicídio é falar sobre a vida; particularmente ponderar sobre os cotidianos e percursos da vida pós-moderna. Assim, a compreensão do morrer como um processo em vida, o fim da vida por suicídio, em geral desvela-se numa trajetória silenciosa e invisível que fala mais da vida que da própria morte. Assim, iniciar este ensaio com uma pergunta é intencional porque a partir dela é possível produzir um diálogo. E o diálogo produz “vida e fator de mais vida” (FREIRE, 2004, p. 74). Por conseguinte: quais os desafios para valorização do viver e prevenção do suicídio no mundo líquido-moderno? Partindo-se do pressuposto que qualquer resposta ou proposta de valorização da vida e prevenção do suicídio precisa dialogar sobre o viver, portanto refletir acerca da dimensão psicossocial e política da perspectiva da vida na sociedade pós-moderna construiu-se este ensaio norteado por Zygmunt Bauman e Paulo Freire com reflexões sobre os desafios de recriarmos uma ética da sensibilidade, do olhar, da responsabilidade e da esperança.

SUICÍDIO E O DESAFIO DA ÉTICA DA SENSIBILIDADE

A insensível indiferença humana se apresenta como um desafio ético-político da presente época. O diálogo de Bauman e Donskis, em *Cegueira Moral*, desvela a questão da perda de sensibilidade nas relações sociais do mundo líquido-moderno (BAUMANN; DONSKIS, 2014). Pode-se entender a indiferença ética a partir do conceito de adiaforização da conduta humana:

Um *adiaphoron* é uma saída temporária de nossa própria zona de sensibilidade; a capacidade de não reagir, ou de reagir como se algo estivesse acontecendo não com pessoas, mas com objetos físicos, coisas, e não seres humanos. As coisas que ocorrem são desimportantes, não acontecem a nós ou conosco (BAUMAN; DONSKIS, 2014, p. 36).

A adiaforização da conduta humana revela-se na cegueira moral com relação a determinados grupos sociais. Esses grupos são colocados fora do eixo de preocupação



moral ou do universo das obrigações morais, e assim para eles não existe empatia, respeito ou sensibilidade (BAUMANN; DONSKIS, 2014). Que implicações podem revelar-se numa sociedade marcada pela ausência de empatia, respeito e sensibilidade? Um cotidiano balizado pelo ataque a subjetividade singularizada produtora da condição insuportável de desautorização de ser e de não poder existir abrindo possibilidades para a destrutividade de Thânatos e a desistência de viver. A insensibilidade diária diante do sofrimento do outro, a incapacidade de compreender a dor do outro, a naturalização da violência e a banalização do suicídio apontam que não mais importa a vida do outro, seus sentimentos, história e cultura. Quando as pessoas se tornam insensíveis ao sofrimento alheio inicia-se a perda da compassividade ruindo o conceito de coletividade e comunidade, portanto de singularidade, alteridade, solidariedade, convivência, empatia, respeito; e assim a ideia de humanidade é colocada em xeque.

No contexto pós-moderno da Era Digital, as redes sociais virtuais também operam como telas “espetacularizadas” do desejo de conhecer a privacidade e intimidade da vida das pessoas e da intolerância à diferença do outro. A espetacularização do suicídio em rede social virtual configura-se como um desafio ético na sociedade pós-moderna e neste sentido destaco um caso emblemático: o suicídio de Alinne Araújo: Em julho do corrente ano foi também divulgado amplamente a morte por suicídio de Alinne Araújo, uma carioca, estudante de psicologia de 24 anos, influencer digital que mantinha o perfil @sejjesincera no Instagram, com 389 mil seguidores, que após o término de um relacionamento decidiu manter a cerimônia casando consigo mesma. No Instagram encontra-se a narrativa de Alinne sobre o fim do relacionamento com 300 mil curtidas², 31.148 comentários e aumento significativo do número de haters e seguidores; e também a postagem de vídeos e fotos da cerimônia de casamento com 396.809 curtidas e 37.500 comentários. E na atualidade pós-moderna marcada pela transferência do que é privado em potencialmente público apresenta-se como uma sociedade confessional, na qual particularidades vividas no cotidiano são amplamente divulgadas não mais em praça pública, mas nas redes sociais virtuais; atualizando-se também o Cogito cartesiano, “Sou visto, logo sou” (BAUMANN; DONSKIS, 2014, p.37).

² Número de curtidas e comentários identificados no dia 28 de setembro de 2019.



Com as redes sociais torna-se possível uma cena particular ser compartilhada e conhecida por inúmeras pessoas, despertadas por paixões ou ódios, que não tem nada em comum entre si (BAUMAN; DONSKIS, 2014). Assim, nota-se, nos comentários do perfil @sejjesincera, a compreensão reducionista do fenômeno do suicídio: desconsideração do sofrimento, produção do estereótipo de personalidade suicida, construção de estigmas sociais do suicídio como pecado, crime ou doença, desconsideração do luto dos sobreviventes e culpabilização. No mundo líquido-moderno, se comprometer com uma identidade fixa por longo tempo pode ser um evento arriscado por isso a necessidade de ter várias identidades e ser apto a remodelar essa identidade sempre que possível. As identidades são para se exibir e não para guardar e manter assim a construção da identidade se torna uma experimentação (BAUMAN, 2001). Na pós-modernidade a construção identitária torna-se responsabilidade de cada pessoa, assim, pode ser visto nas redes sociais virtuais, onde as pessoas constroem seus perfis a partir de manifestações pessoais. O perfil @sejjesincera de Alinne Araújo, com 386 mil seguidores³, se apresenta como “um espaço sem máscaras para sermos sinceros”:

O projeto moderno prometia libertar o indivíduo da identidade herdada. Não tomou, porém, uma firme posição contra a identidade como tal, contra se ter uma identidade, mesmo uma sólida, exuberante e imutável identidade. Só transformou a identidade, que era questão de atribuição, em realização – fazendo dela, assim, uma tarefa individual e da responsabilidade do indivíduo (BAUMAN, 1998, p.30)

Os usuários ao criarem seus perfis nas redes sociais “passam a responder a atuar como se esse perfil fosse uma extensão sua, uma presença daquilo que constitui sua identidade. Esses perfis passam a ser como estandartes que representam as pessoas que os mantêm” (SANTAELLA, 2013, p.43). Neste viés encontram-se, particularmente na mídia social Instagram, utilizando-se de inúmeras estratégias enunciativas, a partir das quais traçam sua identidade virtual múltiplos perfis @sejjesiinceeraa, @sejjesinceraoff, @sejjesincera_fc, @sejjesinceraa_, @sejjesincera21, @sejjesincerafcc, @asejjesincera4 etc. O suicídio como um fenômeno psicossocial é passível de identificação e imitação, fato conhecido como "efeito Werther". Na imitação, um suicídio exerce efeito modelador em

³ Número de seguidores identificados no dia 28 de setembro de 2019.



suicídios subsequentes e no contágio, um suicídio facilita a ocorrência de novo gesto suicida, indiferentemente do conhecimento direto do suicídio precedente. A reconhecida influência destes fenômenos no aumento das taxas de suicídio levou a Organização Mundial de Saúde a elaborar um guia para profissionais de mídia a fim de orientá-los quanto ao modo correto de noticiar um suicídio (COUTINHO, 2010).

O contágio do suicídio a partir de notícias em meios de comunicação encontra-se relacionado com a frequência das notícias, sua colocação, imagens, detalhes dos meios e a linguagem utilizada. A cobertura responsável de suicídios pode contribuir para sua prevenção, assim a OMS publicou, em 2019, um guia para profissionais da mídia – Prevenção do suicídio: um manual para profissionais da mídia (OMS, 2000). Ainda nesta temática a Organização Pan-Americana da Saúde (OPAS), em 2017, apresentou as melhores práticas para noticiar suicídios, com o intuito de promover uma cobertura responsável visando reduzir o risco de comportamento imitativo, modificar percepções incorretas e encorajar a busca por ajuda. Entre as orientações encontram-se: evitar glorificar, romantizar ou descrever como inexplicável o ato do suicídio; evitar retratar o suicídio como uma resposta esperada às adversidades da vida; evitar títulos sensacionalistas, imagens e linguagem estigmatizante; evitar incluir o método, local ou detalhes do suicídio; não compartilhar o conteúdo de cartas suicidas; evitar citar a polícia ou as primeiras pessoas que presenciaram o ato; e apresentar recursos sempre que possível, como o telefone de linhas de ajuda e endereço de serviços de saúde mental.

Ressalta-se que o comportamento suicida se refere a um fenômeno complexo e multicausal, portanto não tem apenas um fator determinante para sua ocorrência pois decorre da interrelação de múltiplos fatores que, agregados e não isoladamente, podem vulnerabilizar ou proteger alguém de pensar, planejar, tentar ou morrer por suicídio (WHO, 2014). Como por si mesmos os fatores não levam alguém a pensar ou tentar o suicídio, nem o contrário (WERLANG; BORGES; FENSTERSEIFER, 2005) em função do caráter dinâmico entre esses fatores, que interagem em um complexo processo pessoal, familiar, comunitário e social (ZAPPE; DELL'AGLIO, 2016) por isso as diferenças pessoais e contextuais de reação à exposição aos mesmos fatores, diante dos quais alguns se fragilizam enquanto outros se protegem (YUNES, 2003). Deste modo torna-se importante a sensibilidade para perceber a convergência desses fatores que vulnerabilizam ou



protegem alguém da construção do percurso suicida, ou seja considerar os processos de subjetivação e constituição de subjetividades. Além disso, sensibilidade para compreender o risco de suicídio como uma clínica psicossocial do limite e da urgência de uma dor subjetiva extrema, ou seja, compreender as diferenças do comportamento suicida revelados pela subjetividade singularizada em suas plurais formas de ser e viver. Portanto uma escuta implicada, ética e sensível para urgência subjetiva; uma escuta qualificada, visando dar um novo significado à dor sentida pela pessoa, ao seu desespero e que consiga redescobrir novas perspectivas para o sofrimento.

SUICÍDIO E O DESAFIO DA ÉTICA DO OLHAR

Na atualidade a “menina dos olhos” da sociedade e do mercado espetaculares possui nome e endereço: imagem (MARCONDES FILHO, 2014) e as redes sociais virtuais (Facebook, Twitter, Instagram, WhatsApp) configuram-se como endereços. E na sociedade norteada pelo imperativo da imagem, que paradoxalmente de tanto ver já não enxerga, apresenta como desafio ético aprender novamente a olhar, ou seja, recriar uma ética do olhar. O mal tipicamente pós-moderno é silencioso, invisível e está à espreita atacando toda vez que alguém desvia o olhar, não presta socorro, não tem sensibilidade e empatia com a dor do outro (BAUMANN; DONSKIS, 2014).

O mal não está confinado às guerras ou às ideologias totalitárias. Hoje ele se revela com mais frequência quando deixamos de reagir ao sofrimento de outra pessoa, quando nos recusamos a compreender os outros, quando somos insensíveis e evitamos o olhar ético silencioso (BAUMANN; DONSKIS, 2014, p.11).

A busca utilizando a hashtags⁴ #suicídio, no Instagram ou Twitter, possibilita identificar, em frações de segundos, a face da racionalidade moralizante sobre o comportamento suicida, além das #combate ao suicídio, #guerra contra o suicídio ou #luta contra o suicídio, que também multiplicam estigmas. A estigmatização encontra-se na história do suicídio apresentando profundas e antigas raízes no pensamento e julgamento

⁴Palavra-chave ou termo associado a uma informação antecedido pelo símbolo # que funciona como um mecanismo de busca do assunto, relacionando conteúdos em torno do mesmo tema. As hastags tornam-se hiperlinks dentro da rede, indexáveis pelos mecanismos de busca em redes sociais como Instagram, Facebook e Twitter.



coletivo. Na história encontra-se que apesar do suicídio ser aceito pelos gregos e romanos, Aristóteles argumentou que tal morte poderia enfraquecer a economia e perturbar os deuses e, com esse argumento inicia-se a estigmatização do ato (TADROS; JOLLEY, 2001). No rastreio da estigmatização dos sobreviventes de suicídio também é possível encontrar na história, no período inicial, quando os familiares enlutados por suicídio tiveram negação de um enterro adequado do falecido, confisco de propriedade e excomunhão da comunidade (CVINAR, 2005; HANSCHMIDT et al., 2016). Importante compreender o estigma como um processo social, portanto no processo de estigmatização tem-se a rotulação, a construção de estereótipos e a rejeição de diferenças humanas, a fim de exercer controle social (LINK; PHELAN, 2001).

O entendimento do estigma como uma marca simbólica e que o suicídio não se refere simplesmente como um modo de morte, ou seja, mortalidade por causas externas, mas um modo de se morrer, possibilitam ampliar a compreensão da perspectiva de vida, particularmente da dimensão psicossocial e política do viver na pós-modernidade. Assim, as expressões combate ao suicídio, guerra contra o suicídio ou luta contra o suicídio contribuem para a estigmatização das pessoas com pensamento suicida, tentativa de suicídio ou enlutados por suicídio. Portanto, ao invés de estigmatizar as pessoas com comportamento suicida ou fazer desaparecer o suicídio da face da terra, é urgente o desenvolvimento de políticas públicas efetivas para valorização do viver e prevenção do suicídio. Ainda nesta lógica aponta-se o equívoco da expressão “cometeu suicídio” ao referir-se a morte por suicídio (HUFFPOST, 2019). Representações do suicídio como pecado ou crime operam para construção de estigmas sociais, assim a expressão “cometeu suicídio” evoca associações de crime e pecado consequentemente é uma morte repreensível ou ilegal. Então moralmente, o suicídio torna-se uma morte repreensível, portanto criticável, censurável, condenável, imperdoável, reprovável ou uma morte ilegal, logo ilícita, proibida. Deste modo é importante o uso de uma linguagem sensível para falar sobre o suicídio a fim de romper com o processo de estigmatização e suas consequências como a busca de ajuda, o reconhecimento do sofrimento e a oferta de ajuda.

Bauman e Donskis (2014) apresentam a perda de sensibilidade quando as pessoas deixam de perceber e sentir o que está a sua volta, tendo a visão voltada para a lógica individualista, consumista e mercadológica. Neste sentido, no atual momento vive-se a



espetacularização do Setembro Amarelo no Brasil? Cotidianamente as mídias sociais mostram a espetacularização amarela e “todos na luta contra o suicídio” com publicação de posts de marketing oferecendo kit de materiais para a campanha do Setembro Amarelo (marcador de página, template, cartaz, flyer, cartilha, vinheta, camiseta, botons); posts divulgando make, nail art; imagens de decoração temática de lojas de roupa, cosméticos, óculos, brinquedos infantis, aviamento e floricultura; posts com sorteio de tratamento de beleza, saúde e academia fitness; posts com alimentação saudável e até posts de divulgação de decoração de aniversário nas cores amarela para prevenção do suicídio entre outros.

Ao mesmo tempo foi possível ver lançamento de livros, aplicativos e sites inspirados pela campanha de prevenção do suicídio além da divulgação de inúmeros cursos de especialização de suicidologia, automutilação, prevenção e posvenção do suicídio. Ainda neste ano a campanha do Setembro Amarelo contou com o compartilhamento da postagem do “disk prevenção de suicídio” com os números 188, 0800 273 8255 e 0800 290 0024, que de fato são compartilhamento de números falsos de linhas de ajuda de prevenção do suicídio no país. No Brasil somente o número 188, do Centro de Valorização da Vida (CVV) oferece apoios emocional gratuito por telefone. Essas publicações nas mídias sociais caracterizam a máxima da banalização do suicídio enquanto problema de saúde pública. Ainda é importante considerar, neste mês de setembro, o bombardeio da literatura de autoajuda com mensagens de superação: “você é importante”, “você é capaz”, “você consegue” etc. então “diga não ao suicídio”. E “todos juntos venceremos” o “mal do século”? O que é mais visível nessas manifestações referentes ao Setembro Amarelo é que desde 2016, há ano após ano, aumento nas matérias dos jornais, nas atividades realizadas em diversos locais, no voluntarismo espontaneísta e no compartilhamento nas redes sociais do conjunto dessas iniciativas, mas em geral sem uma reflexão crítica, ao contrário colaborando com a construção de estigmas sociais.

Ressalta-se que o suicídio não se configura como o “mal do século XXI”, apesar de ser difícil definir-se a data que ocorreu o primeiro suicídio, sabe-se que ele sempre esteve presente na história da humanidade. Interessante observar a métrica de visibilidade das hashtags engajadas na prevenção do suicídio sendo que o número de posts de determinada hashtag pode ser considerado como medida de popularidade. Assim, em 28 de setembro de 2019, a #setembroamarelo contava com 715.878 publicações, a #prevençãoaosuicidio com 75.604, #cvv com 7.518, #cvv188 com 20.533 e somente 15.585 publicações contava a



#valorizaçãodavida. O que vai ao encontro com o que Bauman (2001) versa sobre a sociedade líquida, na qual tudo é fugaz, nada é permanente, tudo está em constante transformação e em inevitável obsolescência como os aparelhos tecnológicos que mal entram no mercado e são substituídos por outros mais modernos a serem consumidos. Nesta direção há uma lógica consumista nas campanhas, calendários e cores?

Tem-se o Setembro Amarelo, campanha de prevenção do suicídio mas também o Setembro dourado, campanha de prevenção do câncer infanto-juvenil; Setembro Verde, campanha de conscientização sobre a importância da doação de órgãos e prevenção do câncer de intestino), o Setembro Vermelho, campanha de conscientização sobre as doenças cardiovasculares e o Setembro Azul, campanha de incentivo à valorização de Libras e respeito à comunidade surda. Contudo no próximo mês terá o Outubro Rosa, com a campanha mais conhecida de todas, dedicada à conscientização do câncer de mama. O mesmo mês de outubro é também de conscientização da artrite reumatoide. No Brasil não há um calendário oficial sobre a cor de cada mês e por isso cada associação profissionais, grupos sociais, ONGs, sociedades médicas e empresas do setor da saúde interessado em determinada temática pode fazer a indicação do mês da campanha. Deste modo, apresenta-se o desafio de recriar uma ética do olhar sobre tais campanhas, principalmente se operarem com viés mercadológico orientado pelo marketing.

SUICÍDIO E O DESAFIO DA ÉTICA DA RESPONSABILIDADE

Para Bauman e Donskis (2014) a cegueira moral também é causada pela perda da responsabilidade entre as pessoas. Visto que a configuração relações humanas fragmentárias, descontínuas, individualistas e competidoras da sociedade pós-moderna acaba debilitando os laços sociais favorecendo o surgimento de um sentimento de não-pertença que propicia a vivência de desproteção emocional que pode culminar na sensação de vulnerabilidade. Tais vivências incidem em situações e contextos marcados por desgarantias dos vínculos socioculturais, des-construções dos sujeitos e falhas na proteção social produzindo sentimentos de desamparo, fragmentação, indiferença e isolamento. A análise, a partir dos pressupostos durkheimianos, das situações e contextos pós-modernos de quebra de laços sociais e individualismo descomedido aponta que a sociedade se



encontra em estado de “anomia”. Durkheim (2000) define como anômico os casos de suicídio que ocorrem em cenários de ausência de ordem social e baixa regulação social. A anomia refere-se a perda de relação entre uma pessoa e a sociedade e neste contexto de forças desagregadoras produzem vulnerabilização ao sentimento de solidão, desamparo, falta de apoio social e desesperança.

Ressalta-se a possibilidade da existência de associação entre anomia social e sentimento anômico (FORMIGA, 2014). No suicídio do tipo anômico, a precariedade da presença da sociedade na vida da pessoa se apresenta durante crises ou mudanças precipitadas por fragilidade da malha social, o que produz profundo sentimento de desintegração em consequência do afrouxamento, mesmo que transitório, da norma e da presença da lei (COUTINHO, 2010).

Destarte “a humanidade está em crise – e não existe outra saída para ela senão a solidariedade dos seres humanos” (BAUMAN, 2017, p.24), portanto assumir pessoal e coletivamente nossas responsabilidades se apresentam como um desafio ético-político da sociedade atual. E quais seriam os desafios para produção de responsabilidade intersubjetiva na sociedade pós-moderna? Segundo Bauman, seriam os desafios do diálogo e de estar com o Outro. Baumann, em *Vida em fragmentos* (2015) aponta o diálogo como única alternativa de desconstrução e superação do *modus vivendi* pós-moderno além de possibilitar descobrir no Outro desconhecido, a humanidade comum. Nas relações de proximidade por meio do diálogo encontra-se a possibilidade de dar sentido à vida e aos seus demais aspectos pois cria-se o sentimento de pertença, e isso gera a retomada de responsabilidade entre as pessoas pelo seu agir com os outros e sua participação no mundo. Portanto, para valorização do viver e prevenção do suicídio torna-se imprescindível a ocupação e reivindicação de espaços de diálogo para reconhecimento, construção e reconstrução de valores e responsabilidades e, desconstrução da cultura dominante das desigualdades sociais e da indiferença.

Responsabilidade que significa responsabilidade pelo Outro decorre da simples condição de “estar com o outro” (BAUMAN, 1998) sendo o laço social construído na proximidade sedimentando o ato de se responsabilizar. A proximidade revela a responsabilidade incondicional através de estar “junto com o outro” por isso Bauman aponta que “proximidade significa responsabilidade e responsabilidade é proximidade”



(BAUMAN, 1998, p.212). Da neutralidade da distância, da apática relação de afastamento das relações intersubjetivas, nasce a negação da proximidade como primeiro passo em direção à indiferença. Portanto, por este prisma apresentam-se também a “responsabilidade pelo que não fiz ou pelo que nem sequer me interessa” (BAUMAN, 1998, p.211). Antagonicamente, assumir a responsabilidade pelo Outro leva ao engajamento no seu destino e no comprometimento com seu bem-estar (BAUMAN, 2015).

Como supracitado a espetacularização do suicídio em mídias sociais configura um desafio ético pós-moderno e neste sentido destaco outro caso emblemático: o suicídio de Davia Emilia: Em maio deste ano foi amplamente divulgado pela mídia a morte por suicídio de Davia Emilia, uma garota de 16 anos, estudante na cidade de Kuching, na Malásia. Davia fez no Stories do Instagram (@f.yu.wen) uma enquete se deveria viver ou morrer e 69% dos seus seguidores votaram a favor da morte: Realmente importante, ajude-me a escolher D L? D (para dead, morte) L (para life, vida)

Na sociedade pós-moderna a indiferença ética está relacionada com o individualismo exacerbado e a atomização do mundo (HERMANN, 2014) e na Era Digital, também se apresentam questões controversas e contradições entre as implicações da tecnologia como espaço de inclusão digital apesar da observação de exposição pública e ausência de sentimento de pertencimento e acolhimento nas redes sociais. Segundo Bauman e Donskis (2014) tudo é permeado pela ambivalência, portanto não há mais nenhuma situação social inequívoca, da mesma forma que não há mais atores inflexíveis no palco da história. Assim, é “inacreditável” que 69%, ou seja, de cada 10 pessoas, 7 escolheram sem dilema a morte, entre as possibilidades viver ou morrer:

Se você é um político e não aparece na TV, você não existe. Mas isso é notícia velha. A notícia nova é esta: se você não está disponível nas redes sociais, não está em lugar algum. O mundo da tecnologia não lhe perdoará essa traição. Recusando-se a se juntar ao Facebook, você perde amigos (...). Mas isso não é somente uma questão de perder relacionamentos, é uma separação social por excelência. Se você não declara e não paga seus impostos por via eletrônica, fica socialmente isolado. A tecnologia não vai permitir que você se mantenha distante. Eu posso transmuta-se em eu devo. Posso, logo, sou obrigado a. Dilemas não são permitidos. Vivemos numa realidade de possibilidades, não de dilemas (BAUMAN; DONSKIS, 2014, p.8).



De tal modo não existe responsabilidade pelo Outro sem diálogo, proteção dos direitos humanos e alteridade, portanto sem o compromisso com a vida em contextos de desautorização de ser e existir sinalizados pela destrutividade de Thánatos e desistência de viver. Entretanto ressalta-se as diferenças entre responsabilizar e salvar e responsabilizar e culpabilizar. A responsabilidade pelo Outro como desafio ético difere profundamente da identificação idealizada de um ser tanatolítico (do grego: tanatos = morte, litis = destruição). Ser onipotente, dotado de poderes mágicos, capaz de retardar, deter ou mesmo anular a ameaça de morte a partir de um conjunto de ações mágicas (SIMON, 1971). Em qualquer cultura, existe personificações de seres tanatolíticos, mas configura-se imperativo ético a crítica dessa ilusão de onipotência pois em virtude da identificação com o ser tanatolítico há possibilidade de se assumir compromissos onipotentes e pensar-se poderoso salvando vidas e impedindo que pessoas tentem ou morram por suicídio. Reafirma-se que a valorização do viver e a prevenção do suicídio é possível, desde que a responsabilidade compartilhada por toda a sociedade por meio de medidas primárias, secundárias e terciárias.

Outro desafio é diferenciar responsabilização com culpabilização; responsabilizar pelo Outro aponta para a ajuda na (re)construção de sentidos para a vida; para a escuta dos sentimentos de desespero, desamparo e desesperança; para (re)construção de redes afetivas de apoio e cuidado às pessoas, famílias e comunidades na lida com os problemas da vida e dores de viver e; para (re)invenção de laços (humanos, afetivos e comunitários) e ampliação de horizontes sociais considerando a diversidade cultural e os múltiplos modos de viver.

SUICÍDIO E O DESAFIO DA ÉTICA DA ESPERANÇA

Bauman, em Babel - entre a incerteza e a esperança discute sobre a crise da democracia na era da globalização e o seu papel na produção de uma falsa tolerância e respeito ao Outro, além da diversidade e vulnerabilidade das pessoas em tempos de hiperconectividade (BAUMAN; MARIO, 2016). E diante dessa torre de Babel em que a sociedade se encontra, fragmentada, excluída, na qual as pessoas se conectam com o mundo, mas sentem-se sozinhas no vazio social e na pertença fragilizada a possibilidade é



o diálogo. A visão é pessimista, mas o que mantém a sociedade viva e atuante é a imortalidade da esperança:

Mas acredito que o que nos mantém vivos e atuantes é a imortalidade da esperança. E tento tanto quanto possível aderir ao princípio estratégico de Camus, cuja prática, como eu espero, você compartilha: “Eu me rebelo, logo nós existimos⁵” (BAUMAN; MARIO, 2016, p.35).

O abandono, desesperança, alienação, vulnerabilidade e mazelas sociais dependem da capacidade de olhar, pensar e agir para além das fronteiras territoriais, de maneira coletiva, assim:

Não há atalho e nem solução pronta, o caminho é árduo e longo em busca de uma “comunidade não imaginada” dos Estados-Nação (BAUMAN; MAURO, 2016, p. 24).

A “comunidade não imaginada” produzida (e produtora) pela recriação de uma ética da sensibilidade, do olhar e da responsabilidade não dialoga com a construção coletiva do inédito viável, de Paulo Freire?

O ‘inédito-viável’ é na realidade, pois, uma coisa que era inédita, ainda não claramente conhecida e vivida, mas quando se torna um ‘percebido destacado’ pelos que pensam utopicamente, o problema não é mais um sonho, ele pode se tornar realidade (FREIRE, 2014a, p. 225).

Aro, Ventura e Silva (2020) apostam nas potencialidades do constructo inédito viável para a saúde coletiva:

O inédito viável representa uma alternativa que não se situa no campo das certezas, mas sim no das possibilidades. Trata-se de uma alternativa construída coletivamente, com base na vivência crítica do sonho almejado, e, portanto, não ocorre ao acaso e nem se constrói individualmente (ARO; VENTURA; SILVA, 2020, p.15).

Somente no tecido social, compreendido como indivíduos, coletividades e papéis que estão ligados por uma ou mais relações sociais profundas (SANTOS, 1996) a ética da esperança apresentará os potenciais do constructo inédito viável da valorização do viver, pois em “tempos de desesperança são repletos de tumbas de profetas desonestos e falsos

⁵ Referência ao livro O homem revoltado de Albert Camus (1953).



salvadores (BAUMAN; MARIO, 2016, p.22). Bauman (2001) através da metáfora da liquefação descreve o esgarçamento do tecido social e suas consequências para os relacionamentos humanos. De acordo com essa metáfora, a concretude dos sólidos, firmes e inabaláveis, derrete-se irreversivelmente, tomando, paradoxalmente, a amorfabilidade do estado líquido e como consequência, vivemos um tempo de transformações sociais aceleradas, nas quais as dissoluções dos laços afetivos e sociais são o centro da questão evidenciados pelo sentimento de desamparo social em que se encontra as pessoas no mundo líquido- moderno. No esgarçamento do tecido social, o suicídio pode apresentar-se como gesto que revela o desamparo e a desproteção social:

O suicídio é um processo que não termina com a morte. Ele é um gesto de comunicação que visa a ampliar a compreensão do relacionamento entre quem se mata e a sociedade que foi palco do seu ato (BERZINS; WADAWATANABE, 2012, p.1960).

Com Freire (2004) a esperança é compreendida para além de uma atitude passiva da simples espera por algo bom que está por vir. Assim, em tempos de anomia a esperança é uma necessidade e um compromisso ético e político para a valorização do viver:

... enquanto necessidade ontológica, a esperança precisa da prática para tornar-se concretude histórica. É por isso que não há esperança na pura espera, nem tampouco se alcança o que se espera na espera pura, que vira assim espera vã (FREIRE, 2004, p. 11).

Refere-se a uma esperança pautada na dimensão política, portanto, coletiva e mobilizadora da construção de outra sociedade porque “não somos esperançosos por pura teimosia, mas por imperativo existencial e histórico” (FREIRE, 2004, p. 10). Assim, com a ética da esperança é possível apresentar concretude histórica e social da valorização do viver e prevenção do suicídio. Tal esperança tem caráter potencializador marcado pelo desejo de construir coletivamente uma sociedade que opta pela defesa dos direitos humanos, diálogo, solidariedade, encontro e compromisso com o Outro.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

A cegueira descrita por Saramago, em Ensaio sobre a cegueira (1995), é representada através de inúmeras metáforas que desvelam como as pessoas se tornam cegas no mundo pós-moderno tornando-se indiferentes a realidade. Assim, Saramago apresenta uma intensa crítica social, ou seja, a cegueira pode ser vista como um mal que atinge a humanidade. E neste sentido foi escolhido para sinalizar os desafios éticos para valorização do viver na pós-modernidade. O ensaio norteado por Zygmunt Bauman e Paulo Freire apresenta reflexões sobre os desafios de recriarmos uma ética da sensibilidade, do olhar, da responsabilidade e da esperança visto que o suicídio é um fenômeno psicossocial, complexo, multifacetado e multicausal. A pós-modernidade revela-se como tempos de individualismo, consumismo, fragmentação, solidão, perda da sensibilidade, indiferença, banalização do suicídio e destrutividade. E é dentro desse contexto que emerge a construção deste ensaio destacando a questão dos desafios da ética da sensibilidade, do olhar, da responsabilidade e da esperança a partir das contribuições de Bauman e Freire. Por fim, é imperativo pensar, refletir, duvidar, questionar, inquietar, rebelar, decidir e agir com implicação ético-política visando a valorização do viver e a prevenção do suicídio levando-se em consideração a dimensão psicossocial e política da perspectiva de vida.



REFERÊNCIAS

ARO, César Augusto; VENTURA, Miriam; SILVA, Neide Emy Kurokawa. Paulo Freire e o inédito viável: esperança, utopia e transformação na saúde. **Trabalho Educação Saúde**, Rio de Janeiro, v.18, n.1, e0022757, 2020.

BAUMAN, Zygmunt. **Estranhos à nossa porta**. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2017.

_____. **Modernidade e holocausto**. Tradução de Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

_____. **Modernidade líquida**. Tradução de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

_____. **O mal-estar da pós-modernidade**. Tradução de Mauro Gama, Cláudia Martinelli Gama. 1.ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

_____; MAURO, Ezio. **Babel**: entre a incerteza e a esperança. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Zahar, 2016.

_____. **Vida em fragmentos** – sobre a ética pós-moderna. Tradução de Alexandre Vieira Werneck. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2015.

_____; DONSKIS, Leonidas. **Cegueira Moral**: a perda da sensibilidade na modernidade líquida. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.

BERZINS, Marília Viana; WADAWATANABE, Helena Akemi. Falar de suicídio é também falar da vida e da qualidade de vida. **Ciência & Saúde Coletiva**, v.17, n8, p.1955-1962, 2012.



BORGES, VALDIR; ALCANTARA, Luiz Alberto; CAMPOS, Gabriela Ribeiro. A indiferença da humanidade para com os refugiados da terra: uma problemática ético-política da atualidade. **Revista Debates Insubmissos**, Caruaru, v.2, n. 4, p.0-72, 2019.

CAMUS, Albert. **O mito de Sísifo**. Rio de Janeiro: Record, 2010.

COUTINHO, Alberto Henrique Soares de Azeredo. Suicídio e laço social. **Reverso**, Belo Horizonte, v.32, n.59, p.61-69, jun. 2010.

CREPALDI, Maria Aparecida. Prefácio. In: Maliska, M. E.; Wallauer, A. **Suicídio: um desafio para profissionais de saúde**. Florianópolis: Pandion, 2012.

CVINAR, Jacqueline G. Do suicide survivors suffer social stigma: a review of the literature. **Perspectives in psychiatric care**. v.41, p.14–21, 2005.

DURKHEIM, Emile. O suicídio - um estudo sociológico. Tradução de Monica Stabel. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

FORMIGA, Nilton S. Verificação de um modelo causal entre anomia social e sentimento anômico. **Revista Sul Americana de Psicologia**, v.1, n.2, p.152-168, ago/dez. 2014.

FREIRE, Paulo (Org.). **Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido**. 21. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2014.

_____. **À sombra da mangueira**. São Paulo: Olho d'água, 2004.

HANSCHMIDT, Franz; LEHNIG, Franziska; RIEDEL-HELLER, Steffi G.; KERSTING, Anette. The stigma of suicide survivorship and related consequences—a systematic review. **PLoS One** v.11, n.9, p.e0162688, Sep. 2016.

HERMANN, Nadja. A questão do outro e o diálogo. **Revista Brasileira de Educação**, v.19, n.5, p.477-493, abr./jun. 2014.



HUFFPOST. **Why you should stop saying “committed suicide”**. 26 mar 2019. Disponível em: https://www.huffpostbrasil.com/entry/mental-health-language-committed-suicide_1_5aeb53ffe4boab5c3d6344ab Acesso em: 23 de junho de 2019.

JORGE, Maria Helena Prado de Mello Jorge; LAURENTI, Ruy. Apresentação. **Revista Saúde Pública**, v.31, n.4, p.1-4, 1997.

LINK, Bruce G.; PHELAN, Jo C. Conceptualizing Stigma. **Annual Review of Sociology**. v.27, p.363-385, 2001.

MARCONDES FILHO, Ciro. **Perca tempo: é no lento que a vida acontece**. 1ª ed. São Paulo: Paulus, 2014.

MORIN, Edgar. **Introdução ao pensamento complexo**. 3ª ed. Porto Alegre: Sulina, 2007.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **Prevenção do suicídio: um manual para profissionais da mídia**. Genebra: OMS, 2000.

SANTAELLA, Lúcia. **Culturas e artes no pós-humano: da cultura das mídias à cibercultura**. São Paulo: Paulus, 2003.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo; razão e emoção**. 4ª ed., 7ª reimpr. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2012.

SARAMAGO, José. **Ensaio sobre a Cegueira**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

SIMON, Ryad. "O complexo tanatolítico" justificando medidas da psicologia preventiva para estudantes de medicina. **Boletim de psiquiatria**, v.4, n.4, p.113-5, 1971.



TADROS G, JOLLEY D. The stigma of suicide. **The British Journal of Psychiatry**. v.179, n.2, p.178, 2001.

WERLANG, Blanca Susana Guevara; BORGES, Vivian Roxo; FENSTERSEIFER, Liza Borges. Fatores de risco ou proteção para a presença de ideação suicida na adolescência. **Revista Interamericana de Psicologia**, v.39, n.2, p. 259-266, 2005.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. **Preventing suicide: a global imperative**. WHO, 2014.

YUNES, Maria Ângela Mattar. Psicologia positiva e resiliência: o foco no indivíduo e na família. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v.8, num. esp., p. 75-84, 2003.

ZAPPE, Jana Gonçalves; DELL'AGLIO, Débora Dalbosco. Variáveis pessoais e contextuais associadas a comportamentos de risco em adolescentes. **Jornal Brasileiro de Psiquiatria**, v.65, n.1, p.44-52, 2016.